

## A VOZ PÓS-COLONIAL EM *WIDE SARGASSOSEA* DE JEAN RHYS

Vera Helena Gomes Wielewicki<sup>1</sup>

---

**Resumo.** Em 1966, Jean Rhys, escritora caribenha erradicada na Inglaterra, publica *Wide Sargasso Sea*. No romance, a escritora dá vida à personagem Bertha do clássico *Jane Eyre* (1847) da inglesa Charlotte Brontë. Exemplo da reescrita da literatura da metrópole, *Wide Sargasso Sea* é repleto de elementos que remetem o leitor à história da colonização caribenha, mostrando, no relacionamento entre os personagens, os efeitos da dominação européia. O objetivo desse trabalho é levantar características próprias da literatura pós-colonial em *Wide Sargasso Sea*, apontando que, mesmo quando a ex-colônia recebe voz através do texto literário no romance isso se dá evidenciando a falta de voz do povo colonizado.

**Palavras-chave:** Jean Rhys; voz; feminismo; pós-colonialismo; re-escrita.

### POSTCOLONIAL VOICES IN JEAN RHYS'S *WIDE SARGASSO SEA*

**Abstract.** In 1966 Jean Rhys, a Caribbean writer living in England, published *Wide Sargasso Sea*. The author gives life to the character Bertha of the classic *Jane Eyre* (1847) by Charlotte Brontë. An example of re-writing, *Wide Sargasso Sea* is full of items that lead the reader through the history of Caribbean colonization while showing European domination through the characters' relationships. This research aims at analyzing the trends of post-colonial literature in *Wide Sargasso Sea* demonstrating that even when the ex-colony is given a voice in the text, the colonized people's lack of voice is still evidenced.

**Key words:** Jean Rhys; voice; feminism; post-colonialism; re-writing.

---

Em 1966 a escritora caribenha Jean Rhys, nascida na Dominica, publica o romance *Wide Sargasso Sea* (WSS), a história da primeira esposa, louca, de Mr. Rochester do clássico *Jane Eyre* publicado pela escritora inglesa Charlotte Brontë (1847). Em WSS Bertha, denominada Antoinette por Rhys, e seu marido contam a história de Antoinette, desde sua infância no Caribe até sua morte na Inglaterra. A crítica, de uma forma

---

1 Professora do Departamento de Letras na Universidade Estadual de Maringá

geral, afirma que Rhys concede voz a Bertha Rochester, personagem obscura em *Jane Eyre*. Por outro lado, críticos também afirmam que o romance é marcado por silêncios. O objetivo deste trabalho é apresentar características coloniais no texto literário sugerindo que a voz de uma mulher colonial é, na verdade, constituída de silêncios.

A obra de Rhys, em especial seus romances, é geralmente discutida em termos de sua importância como literatura colonial, feminista e modernista. Do ponto de vista dos aspectos coloniais, as maiores indagações, como as levantadas por Ramchand (1976, p. 93), são: “O que faz de um romance um romance das Índias Ocidentais?” e “O que queremos dizer quando dizemos que um escritor é um escritor das Índias Ocidentais?” Considerando como obra das Índias Ocidentais “aquela que descreve um mundo social que é reconhecidamente pertencente às Índias Ocidentais, em uma paisagem das Índias Ocidentais e que é escrita por pessoas que viveram ou cresceram nas Índias Ocidentais” (Ramchand, 1976, p. 93), não é difícil classificar WSS. Se considerarmos as posições pessoais de Rhys como uma escritora das Índias Ocidentais, entretanto, a resposta não é tão tranquila.

Depois de deixar a Dominica aos dezessete anos de idade, Rhys voltou à ilha somente uma vez para uma breve visita. Ela não manteve contato com outros escritores caribenhos, nem esteve ativamente engajada em discussões sobre aspectos sociais ou políticos que dissessem respeito ao Caribe. Mesmo assim, sua vida e as vidas de seus personagens, principalmente de suas heroínas, são marcadas por um forte sentimento de não pertencer a nenhuma raça, a nenhum lugar. Tais sentimentos podem ser vistos como resultado da complicada relação entre negros, ingleses e crioulos no Caribe, agravada pela necessidade que Rhys e suas heroínas tiveram de viver na Inglaterra ou em outros países europeus. Como Naipaul (1972, p. 29) afirma:

A heroína de Jean Rhys de seus quatro primeiros livros é uma mulher de mistério, inexplicavelmente boêmia, no sentido mais duro da palavra, aparentemente vinda de nenhuma sociedade, tendo memórias somente de lugares, uma mulher que “perdeu o caminho para a Inglaterra” e está à deriva na metrópole.

Além disso, existe também um sentimento de hostilidade vindo da Inglaterra na obra de Rhys, principalmente em relação a suas heroínas. Como Brown (1987, p. 8) afirma, os ingleses eram, de acordo com Rhys, “fãs de seus animais mas cheios de um ódio por mulheres que eles não reconheciam. Eles eram, em suma, insulares, esnobes, hipócritas e não receptivos e

habitavam uma ilha úmida e fria que não permitia a hospitalidade”. Os valores que Rhys cultuava, como honestidade emocional e calor humano, somente poderiam ser acomodados em um cenário caribenho. Também é patente na obra de Rhys a identificação entre homens e a Inglaterra e entre mulheres e o Caribe. A cultura inglesa é essencialmente masculina. Para Brown (1987, p. 8), as heroínas de Rhys são mulheres que sofrem porque não conseguem conspirar com o sistema inglês:

Seu lar natural é o mundo essencialmente feminino das Índias Ocidentais, com sua paisagem luxuriante e seu estilo de vida mais solto. Essa dicotomia instrutiva na ficção de Rhys tem uma implicação política mais ampla: a dependência irritante que todas as suas heroínas exibem num certo grau e a postura de dominação dos homens que elas têm como seus amantes traçam um paralelo óbvio na relação de um poder imperial em relação às suas colônias dependentes, uma situação política da qual Rhys, uma nativa das Índias Ocidentais que veio para viver e trabalhar na Europa, certamente teria consciência.

Assim, as heroínas de Rhys são freqüentemente acuadas nas relações de poder entre metrópole e colônia, que têm implicações nas relações de poder entre homens e mulheres. De acordo com Wilson (1986), a posição sem poder que as mulheres ocupam na ficção de Rhys é reforçada pelo aspecto do exílio. Ela afirma que “nos romances e contos [de Rhys], assuntos de raça, gênero, classe e etnia são intensificados pela visão contrapontística do exílio, que reforça o inter-jogo de estruturas de poder dentro das sociedades britânica, das Índias Ocidentais e continentais” (Wilson, 1986, p. 69). O aspecto de exílio também é discutido por Emery (1990). Ela diz que há na ficção de Rhys espaços intermediários que mostram o exílio sexual e colonial. Tais espaços seriam as ruas de Londres, os bares de Paris e “as pensões em ambas as cidades que, ao mesmo tempo, abrigam e isolam a maioria das protagonistas solitárias de Rhys” (Emery, 1990, p. xi). Para Emery, os personagens que ocupam esses espaços marginalizados podem ser vistos simpaticamente, de uma perspectiva feminista, como vítimas da “estrutura social” ou da “opressão patriarcal”. Sua aparente cumplicidade em sua própria opressão tem se tornado, de acordo com Emery, um lugar-comum da crítica. Para ela, “ler a ficção de Rhys como literatura das Índias Ocidentais sugere um contexto cultural e histórico fora daquele estritamente europeu e oferece possibilidades de interpretação que vão além da psicológica” (Emery, 1990, p. xii). Emery propõe, assim, um estudo que considere a tensão entre o contexto colonial das Índias

Ocidentais e do modernismo europeu “como está registrado em termos de relações de sexo/gênero nos romances [de Rhys]” (Emery, 1990, p. xii). Ela sugere que a cultura caribenha apresenta uma alternativa aos conceitos europeus de personagem e identidade, acrescentando:

A partir da visão dessa alternativa, avaliações das protagonistas de Rhys como passivas ou vítimas masoquistas não mais se sustentam; em lugar disso, podemos perceber seus esforços para o diálogo, para as identidades plurais e comunidade. Podemos também procurar entender as razões para os sucessos e fracassos de seus esforços dentro de uma moldura histórica que leva em consideração as ideologias de um sistema colonial dominado por homens e seu declínio no início do século vinte (Emery, 1990, p. xii).

Howells (1991) também vê conexões entre a mentalidade colonial e as relações de gênero na obra de Rhys. Ela as vê como uma resistência ao imperialismo. Para Howells, há em Rhys um sentimento de desajustamento em relação a suas posições de mulher e escritora colonial, já que a alteridade é a condição da mulher e o deslocamento, da escritora colonial. Rhys tem sido vista como uma estrangeira pelas culturas européia e caribenha: ela não foi reconhecida como inglesa nem como caribenha. Embora críticos que focalizam outros aspectos de sua obra apagam o aspecto do colonialismo, Howells vê evidências claras da herança caribenha de Rhys. Para ela, Rhys pertence historicamente ao período do império, mas sua crítica subversiva do “inglesismo” e do imperialismo localizam seu trabalho como pós-colonial (Howells, 1991, p. 20-21). Ela considera a ficção de Rhys como textos com múltiplas vozes que “entretencem os diferentes discursos que coexistem no interior da cultura caribenha hibridizada” (Howells, 1991, p. 24) e acrescenta que, em sua resistência ao imperialismo,

Essa ficção adota muitas das estratégias dos contra-discursos coloniais e pós-coloniais, insistentemente delineando narrativas internalizadas de perda que se desenvolvem como sub-textos aos textos principais, rompendo as vozes de autoridade na tentativa do sujeito da narrativa de reconstruir uma identidade que já é fragmentada.

Desta forma, pode-se perceber que a crítica tem reconhecido as características caribenhas da ficção de Jean Rhys, seja como uma “alternativa aos conceitos de personagem e identidade europeus”, como

sugere Emery, ou como resistência ao imperialismo, como sugere Howells.

A supremacia dos homens sobre as mulheres no tocante ao aspecto financeiro e a exploração da metrópole sobre a colônia, presentes em WSS, nos remetem à afirmativa de DuPlessis (1985, p. 46) que “uma mulher de uma colônia é um tropo para a mulher como colônia”. Ecoando DuPlessis, a exploração política e emocional tem sido a pedra-de-toque da maioria dos artigos críticos sobre WSS de orientação feminista e colonial. O pano de fundo social e a ambientação do romance não deixam espaço para dúvidas de que WSS seja um romance das Índias Ocidentais. O tema proposto por Jean Rhys é caribenho, respondendo a pergunta de Ramchand (1976) sobre o que faria de um romance um romance das Índias Ocidentais. O cenário da ilha está fortemente presente no romance desde a infância de Antoinette até o momento em que ela parte para a Inglaterra com seu marido. As impressões das características geográficas da ilha caribenha são analisadas por críticos em suas relações psicológicas com ambos os personagens. Os aspectos políticos e históricos, entretanto, parecem ser mais relevantes no romance. Jean Rhys descortina para o leitor características únicas resultantes da colonização europeia no Caribe agravada pelas profundas intervenções na cultura e valores de brancos, negros e crioulos causadas pela escravidão. Rhys faz com que o sentimento de não pertencer a nenhuma raça fale nos enormes espaços entre as pessoas de diferentes etnias. A voz de Antoinette emana do vácuo entre esses espaços. Como uma crioula ela não é europeia branca, mas também não é negra: é olhada com uma estrangeira de ambos os lados. Antoinette não pertence a nenhum grupo e eles não se sentem comprometidos com ela. Negros acreditam que têm o direito de queimar sua casa e espancá-la, justificados pelos mal-tratos que haviam recebido de seus ancestrais; ao mesmo tempo, eles a desprezam por representar a destituição do poder que os brancos detinham no passado. Seu marido branco, por outro lado, não sente que deva respeitar seus desejos e sua personalidade, ou mesmo tentar entendê-la, já que ela não pertence a seu grupo, ela não tem nada a ver com ele. Rhys escreveu sobre todos esses assuntos delicados de uma maneira sutil em seu romance. Ela não diz as coisas de chofer, mas deixa muito do trabalho de percebê-las para o leitor.

A crítica feminista também investiga os temas de exploração no romance. Antoinette se torna propriedade de seu marido através de seu casamento. Ironicamente, ela é financeiramente dependente dele porque *seu* dinheiro pertence a ele, espelhando a dependência da colônia em

relação à metrópole depois que a última apropria-se das riquezas da primeira. Além desse aspecto, a crítica feminista também analisa a preocupação de Rhys com nomes. Antoinette Cosway se torna Bertha (Rochester) depois de mudanças em seu nome indicando que, além de não pertencer a nenhuma etnia, ela não tem direito a uma representação de sua identidade. Assim, depois de dominar Antoinette em termos econômicos, seu marido também a priva de sua identidade. Além da exploração masculina, feministas também investigam a repressão masculina. Depois de despertar o desejo sexual em sua esposa, o marido a condena por manifestá-lo.

Silêncios são comumente reconhecidos como uma forma feminina de manifestação contra a exploração e a repressão femininas. Koenen (1990) discute o aspecto do silêncio em WSS. Para ela, Rhys supera o aspecto do silêncio em *Jane Eyre* e, mais do que isso, dramatiza esse silêncio deixando o leitor sentir o que está faltando e elevando o silêncio a um nível consciente, mostrando as lacunas da voz feminina. Antoinette é autorizada a narrar sua infância e adolescência, mas seu marido controla a narrativa a partir do momento do casamento. Assim, sua voz é interrompida, e o silêncio é imposto. Para Koenen, Rhys incorpora o silêncio na estrutura do romance evitando o perigo de mascará-lo, o que negaria sua persistência na literatura de mulheres. A omissão, as interrupções e os silêncios têm sido a essência da voz feminina, assim, garantir uma voz ininterrupta a Bertha seria negar que esse silêncio exista. Koenen acrescenta:

Uma das grandes conquistas do romance de Rhys é, ao mesmo tempo, contar a história de Bertha e tornar o silêncio tangível. Essa função dupla é concretizada na estrutura do romance; a supressão da voz feminina pelo macho em uma sociedade patriarcal é o principal elemento estrutural em *Wide Sargasso Sea* (Koenen, 1990, p. 16).

As mudanças para a narrativa de Rochester são estudadas por outros críticos preocupados com os aspectos estruturais de WSS. Para Cummins (1984), por exemplo, as mudanças de foco na obra de Rhys criam um envolvimento emocional de determinismo e humilhação que legitimam a paranóia da heroína. A narrativa segue a heroína e, em momentos cruciais, muda para um personagem mais respeitável ou poderoso. Para o leitor, Cummins acrescenta, esse recurso tem o efeito de focalizar a heroína de cima para baixo, do ponto de vista de seu perseguidor. Em WSS, o recurso de se utilizar dois narradores em

primeira pessoa implica que um deles tem apenas um conhecimento parcial. Além disso, os pontos de vista cambiantes também representam o ser dividido, os conflitos entre vítima e vitimizado, veiculando sofrimento e humilhação mútuos.

De acordo com alguns críticos, a degeneração de Antoinette da sanidade para a loucura é também perceptível na estrutura do romance. Mezei (1987) argumenta que Antoinette conta sua própria história para prevenir um falso relato por outros, ou, em outras palavras, para prevenir mentiras. Quando a narrativa se desintegra, o mesmo ocorre com Antoinette; quando a narrativa pára, ela morre. Mezei relaciona a sanidade de Antoinette a sua capacidade de lembrar e ordenar eventos. Enquanto ela pode fazer isso em uma seqüência causal e temporal, criando até uma ilusão de seqüência e mantendo um sentido definido de espaço e tempo, ela consegue manter sua individualidade e sua vida unidas. Em *Thornfield Hall*, entretanto, os laços com a sanidade são quebrados. Para Mezei, tais laços são os elementos da narrativa convencional: cronologia linear, seqüência, lucidez da narrativa, distância. Antoinette não sabe mais onde ela está. Da mesma forma, a relação entre o tempo da narrativa e o tempo da história se torna indistinta, criando um sentimento de anacronia. Assim, a noção de espaço e tempo de Antoinette se torna distorcida.

Dessa forma, é possível apontar elementos coloniais na obra de Rhys, em especial *WSS*, que demonstram como a voz da mulher da colônia se faz ouvir em seus silêncios.

#### REFERÊNCIAS

- BROWN, N.H. England and the English in the Works of Jean Rhys. *Jean Rhys Review* v. 1, n. 2, 1987, p. 8-19.
- CUMMINGS, M.Z. Point of View in the Novels of Jean Rhys: The Effect of a Double Focus. *World Literature Written in English*. v. 24, n. 2, 1984, p. 359-73.
- DUPLESSIS, R.B. *Writing beyond the Ending: Narrative Strategies of Twentieth-Century Women Writers*. Bloomington: Indiana UP, 1985.
- EMERY, M.L. *Jean Rhys at "World's End:" Novels of Colonial and Sexual Exile*. Austin: U of Texas P, 1990.
- HOWELLS, C.A. *Jean Rhys. Key Women Writers*. Hertfordshire: Harvester Wheatsheaf, 1991.

- KOENEN, A. The Fantastic as Feminine Mode: *Wide Sargasso Sea*. *Jean Rhys Review*. v. 4, n.1, 1990, p. 15-27.
- MEZEL, K. 'And it kept its secret': Narration, Memory, and Madness in Jean Rhys's *Wide Sargasso Sea*. *Critique: Studies in Modern Fiction*, v. 28, n. 4, 1987, p. 195-209.
- NAIPAUL, V.S. Without a Dog's Chance. Review of *After Leaving Mr. Mackenzie* by Jean Rhys. *The New York Reviewer* 18 May 1972, p. 29-31.
- RAMCHAND, K. An Introduction to the Study of West Indian Literature. Kingston: Nelson Caribbean, 1976.